A(s) história(s) de Elzéard Bouffier, o homem que plantava árvores[1]

Maria de Fátima Outeirinho
Universidade do Porto - ILC

Je suis mélangé d'arbres, de bêtes et d'éléments; et les arbres, les bêtes et les éléments qui m'entourent sont faits de moi-même autant que d'eux-mêmes.[2]

Jean Giono

Écouter lire, lire, mais aussi regarder des illustrations ou des films, chanter, raconter, dessiner, écrire sont autant d'activités qui permettent d'interposer entre le réel et soi tout un tissu de mots, de connaissances, de récits, de fantaisies, sans lequel le monde resterait indifférent ou hostile.[3]

Michèle Petit

A(s) história(s) de Elzéard Bouffier, e sobre as quais me vou deter, são histórias que permitem pensar dinâmicas experimentadas pelo objeto literário, boa parte delas situadas na esfera da receção. Com efeito, desde a sua génese, a obra de Jean Giono, *L'homme qui plantait des arbres*, publicada em 1954, encontrar-se-á condicionada pela instância de receção e contextos de leitura, com desenvolvimentos à partida imprevistos, e que apontam para uma dimensão transitiva da literatura, com consequências a não negligenciar em termos, evidentemente não quantificáveis, mas que apontam para uma literatura que não apenas decorre de uma experiência do mundo como ainda

contribui para pensar o mundo e uma possível ação sobre ele, por preocupações de análise, denúncia e / ou alerta, intervenção. Ora, como lembra Alexandre Gefen em *L'Idée de littérature. De l'art pour l'art aux écritures d'intervention*, "sur la longue durée, la littérature est un dispositif de médiation cognitive et affective dans le langage et par le langage, dans sa double dimension de représentation et d'action (Gefen 2021: 33).

Se o texto de Jean Giono não foi pensado, contrariamente a alguma da literatura contemporânea mais recente, enquanto *green literature*,[4] com propósitos de proteção da natureza e problematizando ou mesmo contrariando uma visão antropocêntrica, objeto então mais imediatamente aberto a uma abordagem ecopoética, certo é que depressa experimentou um processo de apropriação, vendo-se o texto investido de um desígnio ecológico marcado, ao serem identificadas preocupações ambientais na narrativa da história de Elzéard Bouffier.

Atentemos então em diversas histórias de *O homem que plantava árvores*, uma narrativa breve que nos conta a atividade exemplar, discreta e mesmo anónima, de um pastor que na região da Provença planta árvores, ao longo de mais de três décadas, permitindo uma regeneração de uma terra inicialmente apresentada como inóspita (Giono 2021:15) e abandonada pelo ser humano (*idem*: 12), mas que se converterá numa "terra de Canaã" (*idem*: 61).

Primeira história: Elzéard Bouffier, uma personagem *in fieri*

Uma primeira história é a que se prende com a génese desta personagem integrada num contexto de contacto direto com a natureza. Vale recordar que um dos traços de boa parte da obra de Jean Giono passa precisamente por uma enorme visibilidade dada à natureza e às relações que se estabelecem entre ela e o humano.

Como lembra Jean Arrouye (2011), Elzéard Bouffier não é o único homem que planta árvores na obra de Jean Giono. Em 1925 no texto *Sur un galet de la mer* ou em 1930 com *Manosque des Plateaux* podem já ser encontradas figuras masculinas que plantam carvalhos, significativamente a primeira espécie de árvores a serem plantadas também pelo pastor de *O homem que plantava árvores* que, em etapas posteriores, também plantará faias e bétulas. E lembremos apenas que em diversas tradições não apenas se confere ao carvalho uma dimensão de sacralidade como ele é ainda possibilidade de relação entre mundos ou interveniente em dinâmicas oraculares, apresentando por isso uma densidade simbólica a não menosprezar.

Em 1937, Giono publicará um texto de cariz mais ensaístico, intitulado *Les Vraies richesses*, onde se encontrará uma maior exaltação do espaço natural, com frequência ligado a uma dimensão de ruralidade, e nessa obra partilha a sua busca de gestos que denomina como primeiros, procurando-os precisamente nos campos e nas aldeias. Ora um deles é justamente o seguinte:

> (...) o gesto mecânico de ir no outono até às altas colinas suaves com a chuva, como num passeio, e então em todos os lugares de terra fofa, joga-se uma bolota e afunda-se com um golpe de calcanhar, e será um carvalho em duzentos anos e às vezes numa dada tarde lançamos no chão cem bolotas nas colinas, nos vales, ao longo de todo o caminho que fazemos pelo terreno comunal (sem dono, mas que pertence a todos) (...)[5]

Atentemos um pouco nesta ação sobre um espaço que pertence a todos. Em *O homem que plantava árvores*, escrito mais de uma década depois, podemos ler:

> Plantava carvalhos.
> Perguntei-lhe se a terra lhe pertencia. Respondeu-me que não. Perguntei-lhe se sabia a quem pertencia. Também não sabia. Supunha que fosse terreno comunitário ou então propriedade de alguém a quem não interessava? Para ele não era importante a quem pertencia a terra. E assim, plantou as cem bolotas com um cuidado extremo. (Giono 2021: 25, 27)

Esta presença humana em esboço, num cenário não urbano, que se tornará depois figura central em *O homem que plantava árvores*, é, de algum modo, apresentado na sua singularidade invulgar, já na nota liminar desta última obra:

> Para que o caráter de um ser humano revele qualidades verdadeiramente excecionais, é preciso ter a sorte de poder observar os seus atos durante muitos anos. Se esses atos forem desprovidos de todo o egoísmo, se o ideal que os conduz resulta de uma generosidade sem par, se for absolutamente certo que não procuram recompensa alguma e se, além disso, ainda deixam no mundo marcas visíveis, estamos então, sem sombra de dúvida, perante um caráter inesquecível. (*idem*: 7)

Nesta obra da década de 50, que será vista como obra-bandeira de um posicionamento ecológico, não é ainda possível mudar totalmente o centro, o foco de atenção. Se para Richard Powers, em *The Overstory*, a afirmação, "This is not our world with trees in it. It's a world of trees, where humans have just arrived." (2018: 424), dá conta de uma recusa de um antropocentrismo a marcar o lugar do ser humano na casa do mundo, em Giono a figura humana tem apesar de tudo um papel extremamente forte, desde logo pela sua relação voluntarista face a outros seres que povoam o espaço. Sem busca pela visibilidade ou reconhecimento social. E mesmo se a silhueta do pastor ao longe é percebida como uma árvore solitária (Giono 2021:15), a antecipar uma possibilidade de osmose com o objeto de atenção da personagem a árvore /as árvores, a narrativa de Elzéard Bouffier não deixa de ser regida pela nota que anteriormente descrevemos: trata-se de contar a história de um homem que fez a diferença durante o seu percurso de vida.

A epígrafe com que abrimos este estudo, "Estou misturado com árvores, animais e elementos; e as árvores, os animais e as coisas ao meu redor são feitas de mim tanto quanto de si mesmas." (Giono 1972: 16), já surgia em texto reflexivo de 1936.

Segunda história: como Elzéard Bouffier se torna, por fim, herói de uma narrativa autónoma

No dealbar da década de 50, Giono será contactado pelo periódico *The Reader's Digest* solicitando ao escritor um texto que possa integrar uma série de textos a publicar sob o tema "The Most Unforgettable Character I've met". Trata-se, portanto, de uma obra de encomenda que cria uma circunstância particular a rodear a criação textual, integrando assim, já nesta etapa, a instância de receção. Na verdade, será em função de uma oferta a fazer chegar a um público generalista, alargado, que o texto virá a ser escrito.

Sucederá porém que a narrativa acabará por ser publicada na edição americana da revista *Vogue*,[6] pois era suposto que a narrativa acolhesse uma história acontecida, uma história verdadeira, com uma personagem de percurso de vida edificante, testemunhando um serviço feito à sociedade. Descobrindo que tal não é o caso, *The Reader's Digest* recusará a sua publicação. A ação e o efeito de mediatização, já nesta etapa, pode ser identificado, embora tal efeito esteja ancorado ainda numa cultura escrita.

Terceira história: a inesperada viragem ecocrítica de Elzéard Bouffier

Texto escrito então nos primeiros anos da década de 50 do século XX, *O homem que plantava árvores* é, com frequência, identificado como uma das obras de Giono que antecipa uma ecologia política que se manifesta em força no espaço europeu na década de 70,[7] pois, como nota Marion Stoïchi, Giono nunca deixou de representar a natureza como uma entidade ecológica e global na qual o homem se integra (2019: 2), lembrando a importância de uma atitude de humildade quanto ao seu lugar no mundo que não se situa necessariamente no seu centro, visto numa perspetiva de colaboração com a natureza, lembrando ainda a sua pertença a um todo e, por consequência, a valorização e interdependência daquilo que hoje denominaríamos ação solidária. Porém, e como observa Alain Romestaing, na obra de Jean Giono, "Ce n'est donc pas tant la manière dont il décrit cette nature qui importe que la manière dont il problématise notre rapport à la nature, une nature que l'on se gardera de considérer de manière anachronique comme un environnement" (2020). Neste contexto, Romestaing faz também questão de lembrar que não é adequado falar da sua escrita como ***nature writing***.[8] De todo o modo, é incontestável a eleição de alguma escrita de Giono como espaço de tomada de consciência de uma rutura e afastamento da natureza provocada pelo desenvolvimento industrial e urbano e, simultaneamente, um alerta para a necessidade de *reliance*, adaptando e adotando nós um conceito caro a Edgar Morin (2005).

Em *Littérature et écologie. Le Mur des abeilles*, Pierre Schoentjes, ao explorar as relações entre literatura, meio ambiente e ecologia numa perspetiva ecopoética (2020: 13), e ao atentar nalguma literatura de língua francesa do extremo contemporâneo, não deixa de sublinhar o papel tutelar, ou a sombra de Jean Giono, para muitos dos autores que assinam obras de problemática ambientalista, refletindo sobre os meios que a escrita tem para dar conta de problemas e desafios atuais em matéria de ecologia: "c'est en effet régulièrement avec mais aussi *contre* lui que le rapport à la nature a pris forme." (*idem*: 15) Neste quadro, Schoentjes refere a importância de *Les Vraies richesses*, obra escrita em 1936, como um texto no qual a ecologia poética dos anos 70 se apoiará. E, sobre *L'homme qui plantait des arbres*, afirma: "Cette nouvelle, qui a connu un succès important et durable, s'est imposée depuis comme un des textes emblématiques de l'écologie émergente." (*idem*: 46), tanto mais que o público dos anos 70 experimentava a necessidade de mergulhar na natureza de que se sentia afastado (*idem*: 58).

Apesar deste processo de identificação, por parte da receção, de uma inscrição ecológica da obra de Giono, a sensibilidade para ver o mundo como um ecossistema – para

usarmos termos não adotados por Jean Giono – é excessivo considerar o escritor como um ecologista (Stoïchi 2019: 11). Assim, Marion Stoïchi prefere

> parler d'écopoét(h)ique plutôt que de réel écologisme, il n'en est pas moins vrai que ses œuvres ont été, pour certains lecteurs, le déclencheur d'une volonté de planter des arbres (plusieurs opérations de reforestation font référence à son œuvre), de parcourir à nouveau le paysage mais aussi d'en faire, malgré leur auteur, de véritables œuvres écologiques. (*idem*: 11-12)

Em síntese, poderíamos talvez falar da escrita de Jean Giono como reveladora de uma ética comportamental num quadro ecopoético.

Quarta história: fortuna e juvenilização do leitorado de Elzéard Bouffier

Falar de Elzéard Bouffier, o homem que plantava árvores é, igualmente, falar da circulação dessa narrativa. Texto resultante de uma escrita de encomenda, a história de Elzéard Bouffier inicialmente publicada para um público alargado e generalista, acabará por sofrer um progressivo processo de juvenilização do leitorado. Como lembra Patricia Richard-Principalli (2021), tal processo dá-se em duas etapas: pela publicação e integração numa coleção para a juventude e pela sua integração na lista das leituras recomendadas em contexto escolar, pois o quadro crítico ambiental que se vive continua a contribuir para uma constante e sublinhada atualidade do narrado,[9] e este título poderá estar ao serviço da formação de jovens leitores.

Se atentarmos apenas no caso português, verificamos, por exemplo, que das duas obras de Giono[10] que integram o Plano Nacional de Leitura, uma delas é, precisamente, *O homem que plantava árvores*,[11] em tradução de Manuel Oliveira.

Uma breve, mas não exaustiva pesquisa permite-nos também perceber o interesse que esta obra continua a suscitar entre nós, desde logo no plano da tradução, em edições dirigidas a um público infantojuvenil:

Título	Tradutor	Ilustrador	Data	Editora
O homem que plantava árvores	Sara Monteiro		1998	Vicentina
O homem que plantava árvores	Sofia Norton	Vanessa Capela	2010 (2ª edição)	Far Far Away Books
O homem que plantava árvores	Manuel Oliveira	Manel Cruz	2012	Marcador
O homem que plantava árvores	Hugo Gonçalves		2017	Cultura
O homem que plantava árvores	Abílio Santos	Teresa Lima	2019	Campo Aberto
O homem que plantava árvores	Maria João Lourenço	Ana Sílvia Agostinho	2019	Alma dos Livros

Quinta história: Elzéard Bouffier em dinâmicas intermediais e multimodais

O interesse suscitado por *O homem que plantava árvores* não poderia deixar de se refletir na circulação por novos caminhos, explorando novos formatos, novas linguagens, grandemente assente uma produção audiovisual, com consequências no plano da receção – e no plano autoral –, pois o contato com o texto literário e o desenvolvimento de uma educação literária, no caso da obra em apreço também de uma formação cidadã, pode já não ter lugar pela experiência de leitura ou apenas por essa experiência. Com efeito, a exploração de processos intermediais e a potenciação de uma linguagem multimodal são dinâmicas já vulgarizadas no que toca ao tratamento do objeto literário, obrigando a pensar uma singular materialidade do literário que, por exemplo, a passagem a filme ou a áudio provoca.

Talvez uma nota breve se imponha para esclarecer o que entendemos por intermedialidade e multimodalidade. No que diz respeito à intermedialidade – quando se trata de pensar sobre os diferentes fenómenos que ocorrem entre media - sabemos bem a necessidade de esclarecimentos conceituais do termo, detalhes que Irina Rajewski tão bem apontou no seu estudo "Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality" (2005). Neste contexto, não estamos a considerar a intermedialidade como uma categoria crítica voltada para uma análise concreta de produtos individuais de *media*. Mais do que simplesmente aderir a uma tradição poeto-

lógica, estamos apenas a atentar em fatores sociais, tecnológicos e mediáticos (Müller s.d.: 100), uma abordagem mais próxima, portanto, dos Estudos de Média.

No que toca à multimodalidade, termo com grande plasticidade semântica (Azaoui 2019), adotamo-lo porque "il permet saisir la complexité de la réalité humaine et de la communication qui recourt, intentionnellement ou non, à une multiplicité de canaux et autres supports sémiotiques pour se réaliser et faire sens » (*ibidem*). Trata-se de a considerar através de uma abordagem semiótica, como integrando o discurso, a escrita, a imagem, o gesto e o som.

Lembraremos aqui apenas três exemplos dessas dinâmicas intermediais e multimodais criadas a partir do texto de Giono. Numa narrativa integralmente dita por Philippe Noiret, recordamos *L'homme qui plantait des arbres* (Fig.1), filme de animação de Frédéric Back (1987), a partir da obra de Jean Giono, premiado, em 1988, com o Oscar de melhor curta-metragem de animação.

Fig. 1 – Fotograma de *L'homme qui plantait des arbres* de Frédéric Back.

Em seguida, lembramos o projeto integrado de Béatrice Pardossi-Sarno e Marie Michaux, na plataforma *Tout avec presque rien*: uma curta de animação, partilha de impressões de leitura (Fig. 2), citações escolhidas (Fig. 3), teaser da curta de animação e um podcast (Fig. 4)[12] que o leitor-ouvinte-espetador, cibernauta dos nossos dias pode

explorar; o objetivo destas criadoras de conteúdos digitais passando por suscitar nos outros o desejo de ler através da partilha de escolhas entusiásticas e abordagens pessoais e criativas do texto literário.

Fig. 2 – *La naissance d'une forêt* (animação).

Fig. 3 – Citações escolhidas de *L'homme qui plantait des arbres.*

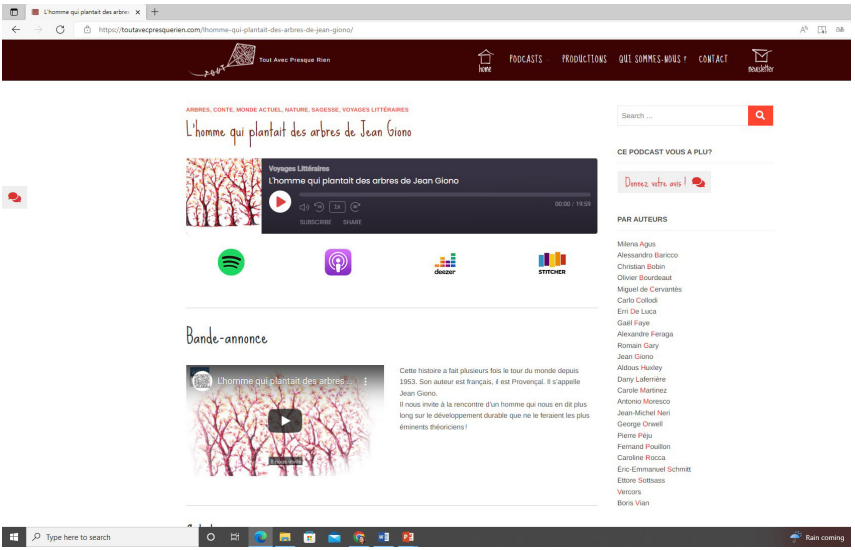

Fig. 4 – Podcast e teaser da curta-metragem *La naissance d'une forêt*.

Por fim, e regressando de novo à receção em contexto escolar, uma adaptação da narrativa de Giono, resultando num vídeo (Fig. 5 e 6), com a participação dos alunos, decorrente de um projeto desenvolvido numa escola do ensino básico português .

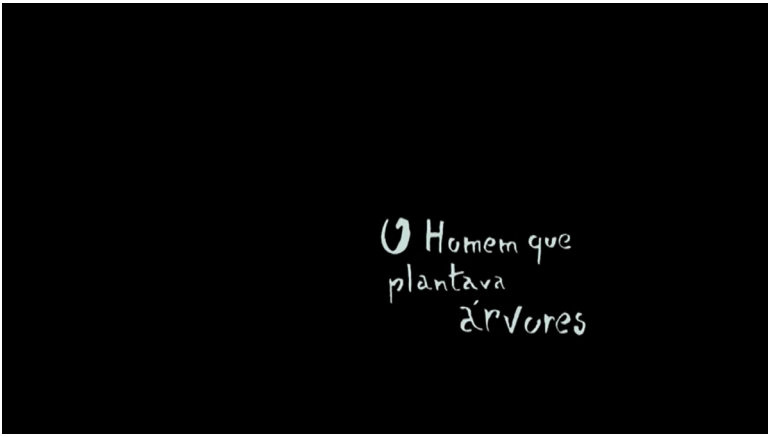

Fig. 5 – Captura de écran de *O homem que plantava árvores* (adaptado).

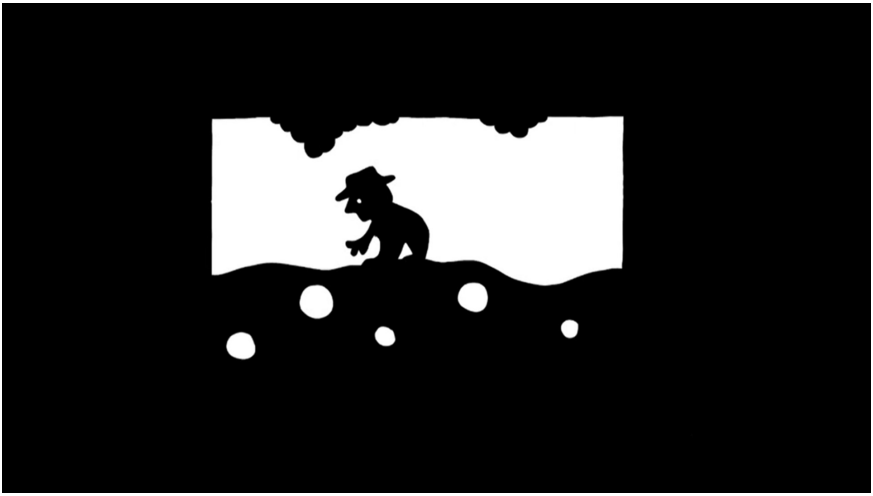

Fig. 6 – Captura de écran de *O homem que plantava árvores* (adaptado).

Os exemplos eleitos não só dão testemunho das possibilidades alargadas de disseminação de um texto literário na contemporaneidade e que a transposição mediática autoriza, mas também são reveladores de uma partilha de um objeto artístico por públicos diversos, no que toca à sua inscrição etária ou à sua pertença a comunidades de práticas específicas, agora alvo de uma obra com potencial de impacto e de ação atuante.

Conclusão

A(s) história(s) em torno da história de Elzéard Bouffier, o homem que plantava árvores, é / são bem sintomática(s) da acção do *medium* sobre o facto literário já no plano da produção, mas também depois no plano da receção. Curiosamente, *O homem que plantava árvores*, desde a sua produção até à sua publicação e circulação é sobretudo marcado por dinâmicas situadas no plano da receção, dando conta afinal do poder hermenêutico condicionador na circulação de um texto que o leitor exerce, acentuando uma dimensão transitiva da literatura, apoiada por processos de mediatização. Os caminhos percorridos pela história do pastor Elzéard Bouffier, o homem que plantava árvores, permitem perceber a multiplicidade de histórias que a narrativa de Jean Giono,

publicada em 1954, vem a conhecer. Não se tratando ainda de uma inscrição em preocupações ambientalistas no quadro de uma ecologia enquanto causa a abraçar, a verdade é que uma inquietação com a Terra vai fazendo caminho no espaço da ficção, mesmo se em Giono tal passa por um sonho, desejo de harmonia que vê postos em causa e a que uma história exemplar de um homem que planta árvores poderá dar voz enquanto possibilidade salvífica. Na verdade, a história termina com o renascimento do ecossistema, em que uma tília, plantada por aqueles que puderam regressar a um espaço que se tornou edénico, se constitui como símbolo (Giono 2021: 56). Literatura atuante, mesmo se não militante, de algum modo, a história de Elzéard Bouffier permite considerar o poder da literatura, pois, como afirma Pierre Schoentjes, "Au-delà des positions militantes, la littérature nous invite à réfléchir à la complexité de la situation sur un mode qui demande une réflexion dans la durée." (Schoentjes 2020: 16)

NOTAS

[1] Esta publicação/ artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

[2] "Estou misturado com árvores, animais e elementos; e as árvores, os animais e as coisas ao meu redor são feitas de mim tanto quanto de si mesmas." Tradução nossa.

[3] "Ouvir ler, ler, mas também ver ilustrações ou filmes, cantar, contar histórias, desenhar, escrever são atividades que permitem que toda uma teia de palavras, de saberes, histórias e fantasias se interponha entre a realidade e nós mesmos e sem os quais o mundo permaneceria indiferente ou hostil." Tradução nossa.

[4] A fazer *pendant*, no campo da criação literária, com uma *Green History* que procura seguir os traços de uma escrita ecológica, de um pensamento green e movimentos que dão voz a preocupações ambientais com propósitos de ação transformadora.

[5] Tradução nossa. "(...) le geste machinal de s'en aller à l'automne dans les hautes collines molles de pluie comme à la promenade, et puis à tous les endroits de terre tendre, on jette un glande t on l'enfonce d'un coup de talon, et ça fera un chêne dans deux cent ans et parfois dans un après-midi on jette comme ça sur la terre cents glands sur les collines, dans les vallons, tout le long de la route qu'on fait à travers la terre communale (sans propriétaire, mais qui appartient à tous)" (Giono 1937: 95-96).

[6] Sob o título "The Man who planted Hope and grew Happiness".

[7] O relatório do Club de Roma em 1972 atualiza a ecologia como causa pela qual lutar.

[8] Consulte-se com proveito o artigo de Deborah Lilley (2018).

[9] Não por acaso, no site de La Librairie Gallimard de Montréal, ao publicitar-se uma ficha de leitura sobre este texto de Giono, pode ler-se : "Que faut-il retenir de *L'Homme qui plantait des arbres*, la nouvelle emblématique de la cause écologiste ? Retrouvez tout ce que vous devez savoir sur cette œuvre dans une fiche de lecture complète et détaillée." Ou ainda: "court récit dont le but original est de "faire aimer planter des arbres"", https://www.gallimardmontreal.com/catalogue/livre/l-homme-qui-plantait-des-arbres-de-jean-giono-fiche-de-lecture-everard-marine-9782806212108.

[10] *O homem que falou*, em tradução de Aníbal Fernandes, publicada pela Sistema Solar em 2016, é uma delas.
[11] Tradução de Manuel Oliveira e ilustração de Manel Cruz, 1ª edição de 2012, na Marcador.
"Animation inspirée du livre de Jean Giono : L'homme qui plantait des arbres. Découvrez son contexte d'écriture et l'univers de l'auteur dans notre podcast: https://toutavecpresquerien.com/lhomm... Marie et moi vous proposons de voyager en fermant les yeux: Nos **"Voyages littéraires" sont des podcasts de 20 minutes** vous transportent au cœur d'une œuvre littéraire. Présentation de l'auteur, lecture d'extraits, commentaires, le tout accompagné des musiques... ", *L'homme qui plantait des arbres*, de Jean Giono (toutavecpresquerien.com)
[12] Filme com ilustrações e áudio original da história de Jean Giono, "O Homem que plantava árvores" (versão adaptada) para o concurso "Conta-nos uma história!" e realizado pelos alunos do 3º ano da Escola Básica de Estrada - Maceda, Agrupamento de Escolas de Esmoriz - Ovar Norte, no ano letivo 2018/2019. Coordenação da Professora Bibliotecária Marta Freitas e participação da Professora Titular de Turma Susana Oliveira, https://www.youtube.com/watch?v=zPc5CfXIVfQ.
[13] Jean-Baptiste Voisin começa por lembrar, em estudo sobre Giono, que : "S'engager dans une œuvre littéraire, pour l'écrivain comme pour le lecteur, est une aventure d'ordre éthique. Tout texte littéraire propose en effet un complexe symbolique qui concerne cette "humaine condition" que tout homme porte en lui, ce qui invite le lecteur à reconnaître sa propre humanité dans celle que propose le texte, ou à interroger son humanité à partir du texte. C'est parce que cette sollicitation peut provoquer des réponses diverses, imparties au lecteur, que la lecture est bien une aventure éthique" (2006 : 113).

Bibliografia

"Aiguillions du réel" [entretien avec Pierre Schoentjes] (2020). Le Mag.

Arrouye, Jean (2011), "De l'imposture littéraire à la posture métaphysique: *L'homme qui plantait des arbres* de Jean Giono", Bouloumié, Arlette (dir.). L'imposture dans la littérature. Angers: Presses Universitaires de Rennes, pp. 205-216.

Azaoui, Brahim (2019). "Multimodalité, transmodalité et intermodalité: considérations épistémologiques et didactiques", *Revue de recherches en littératie médiatique multimodale*, vol. 10,https://www.erudit.org/fr/revues/rechercheslmm/2019-v10-rechercheslmm04944/1065526ar/.

Back, Frédéric (1987), *L'homme qui plantait des arbres*. Canada.

Gefen, Alexandre (2021), *L'Idée de littérature*. Paris: Éditions Corti.

Giono, Jean (1972), *Les vraies richesses*. Paris: Grasset.

Giono, Jean (2021), *O Homem que plantava árvores*. Trad. de Manuel Oliveira, ilust. de Manel Cruz. Barcarena: Marcador.

Löschnigg, Maria & Braunecker, Melanie (eds.) (2020), *Green Matters Ecocultural Functions of Literature*,Volume.

L'homme qui plantait des arbres, de Jean Giono, in Tout avec presque rien, https://toutavecpresquerien.com/lhomme-qui-plantait-des-arbres-de-jean-giono/

Lilley, Deborah (2017), "New British nature writing", DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199935338.013.155.

O homem que plantava árvores (adaptado), https://www.youtube.com/watch?v=zPc5CfXIVfQ.

Petit, Michèle (2021), "Pourquoi les enfants ont besoin d'histoires?", *Sciences Humaines.* Hors-série [Comment la littérature peut changer nos vies], juillet, 30-31.

Morin, Edgar (2005), *Ética*. Trad. J. Espadeiro Martins, Lisboa: Europa-América.

Powers, Richard (2018), *The Overstory*, New York: W.W. Norton & Company.

Rajewsky, Irina O. (2005), « Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality », *Intermédialités*, nº 6, automne, pp. 43-64, http://cri.histart.umontreal.ca/cri/fr/intermedialites/p6/pdfs/p6_rajewsky_text.pdf.

Richard-Principalli (2021), "L'Homme qui plantait des arbres, de Jean Giono: une adaptation et des usages scolaires singuliers". *Le français d'aujourd'hui*, 213, 99-110.

Romestaing, Alain (2019). "Giono, écopoète?, https://www.researchgate.net/publication/342826770_Giono_ecopoete.

Schoentjes, Pierre (2021), *Littérature et écologie. Le Mur des abeilles*. Paris: Éditions Corti.

Stoïchi, Marion (2019), "Jean Giono: la pensée panique comme anticipation d'une écologie littéraire?", ISTE OpenScience – Published by ISTE Ltd. London, UK – openscience.fr.

Tout avec presque rien, https://toutavecpresquerien.com/lhomme-qui-plantait-des-arbres-de-jean-giono/.

Voisin, Jean-Baptiste (2006), "De l'utopie à l'atopie: Jean Giono et le traitement de l'espace provençal". In Zoberman, Pierre & Garnier, Xavier (dir.), *Qu'est-ce qu'un espace littéraire ?*, Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, pp. 113-133.